

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

**GEOCORRENTE**

ISSN 2446-7014



**O retrocesso democrático e a diplomacia migratória da Tunísia**

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 182 • 11 de maio de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Sea-Watch realizando resgate de migrantes no Mar Mediterrâneo.](#)

Por: Tim Lüddemann

Fonte: Flickr

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

### TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

**AMÉRICA DO SUL**

Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Isabela Sússekind Rocha Torres (PUC-Rio)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Jayanne Balbino Soares (UFF)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Gustavo da Hora (UFRJ)  
Lohanna Rodrigues Reis (USP)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Manguera (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)  
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

**TEMAS ESPECIAIS**

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

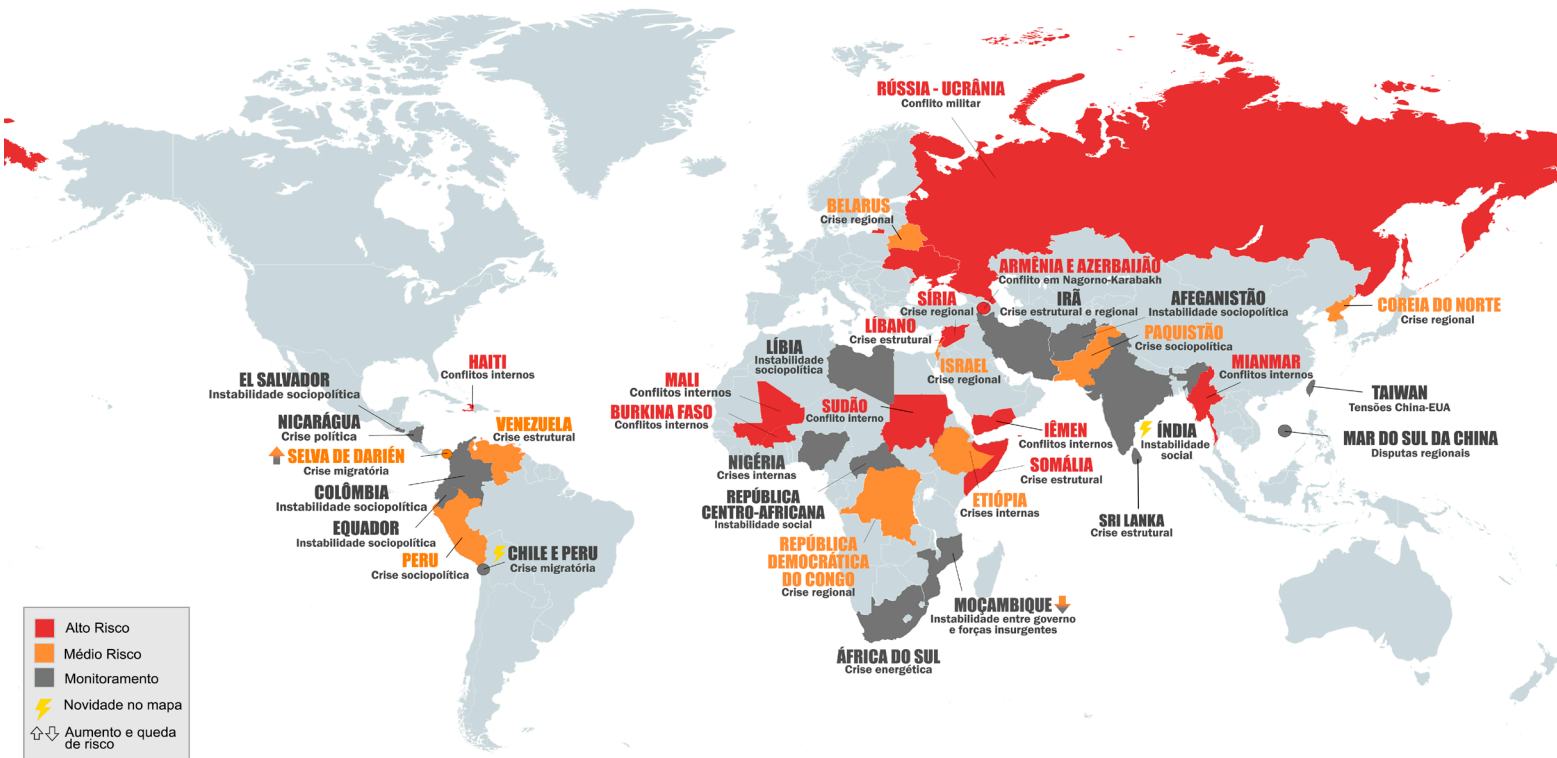


# SUMÁRIO

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		<b>LESTE ASIÁTICO</b>	
Um manto de terra no rio: a baixa histórica do rio Paraná.....	5	A nova estrutura entre a Guarda Costeira do Japão e as Forças de Autodefesa Marítima.....	13
A geoeconomia e a política chilena para o lítio.....	6	<b>SUL DA ÁSIA</b>	
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>	
Os riscos para segurança marítima jamaicana impostos pelo tráfico de drogas ...	7	A Organização para Cooperação de Xangai e a Crise Fronteira Sino-Indiana.....	14
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>	
O emprego de drones de vigilância na África Ocidental.....	8	<i>Defence Strategic Review 2023</i> : novos caminhos para a Defesa australiana.....	15
<b>EUROPA</b>		<b>TEMAS ESPECIAIS</b>	
As (in)seguranças da Europa.....	9	Reflexos geopolíticos da Guerra Cibernética no conflito russo-ucraniano.....	17
Os reflexos do novo <i>Integrated Review</i> na política de Defesa britânica.....	10	Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	18
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		Calendário Geocorrente.....	18
Petroleiro é apreendido pelo Irã no Golfo de Omã.....	11	Referências.....	19
O retrocesso democrático e a diplomacia migratória da Tunísia.....	12	Mapa de Riscos.....	20
<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>			
O fortalecimento russo na Esquadra do Pacífico.....	13		

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

## Um manto de terra no rio: a baixa histórica do rio Paraná

*Fernanda Calado*

O rio Paraná, segundo maior rio da América do Sul, é formador da Bacia do Prata, que perpassa a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai. Esse curso hídrico foi palco não só de disputas sul-americanas, como a Guerra do Paraguai (1864-1870), mas também de acordos regionais, como no Tratado Itaipu Binacional ([Boletim 180](#)). Atualmente, o rio Paraná enfrenta a sua pior seca dos últimos 140 anos. Isso posto, questiona-se: quais as consequências dessa baixa para os países da região?

Conforme pontuava a professora Therezinha de Castro, a interiorização do Atlântico Sul nas principais bacias hídricas da região foi um facilitador para as Entradas e Bandeiras no subcontinente sul-americano, entretanto, atualmente, o cenário vem sofrendo alterações e desde 2019, o rio Paraná está quase 10 metros abaixo do nível considerado normal. Em 2021, devido à longa estiagem, o Sistema Nacional de Meteorologia do Brasil emitiu um alerta de emergência hídrica pela primeira vez em 100 anos. Em consonância, o Comitê Intergovernamental Coordenador dos Países do Prata (CIC), que analisa o nível de chuva e umidade dos solos, afirmou que a seca

do rio Paraná chegou a comprometer praticamente todo o território sul-americano entre abril e maio de 2020. O CIC acredita que esse período de seca é o mais duradouro do corpo hídrico. Especialistas apontam que a degradação ambiental, como o desmatamento e o mau uso do solo são algumas das principais causas da seca deste rio.

Em 2023, o impacto regional é perceptível em todos os países atravessados pelo curso d'água, especialmente nas cidades que o margeiam. Desde o início da crise, Argentina, Brasil e Paraguai, países mais afetados, seguem com reuniões para administrar a baixa disponibilidade hídrica e a necessidade de cada Estado. As pautas mais urgentes são: como cobrir cerca de 60% da demanda energética brasileira em hidroeletricidade; a passagem hidroviária para transportar a colheita paraguaia e a captação de água para o consumo urbano nas cidades ribeirinhas argentinas. Segundo as previsões, a baixa do rio Paraná seguirá, o que poderá afetar a segurança energética, hídrica e a logística das linhas de comunicação fluviais dos Estados do sul do continente, questões que impactam diretamente aspectos socioeconômicos dos mesmos.



## A geoeconomia e a política chilena para o lítio

Pedro Kilson

O governo chileno anunciou em 21 de abril de 2023, a Estratégia Nacional do Lítio. O Documento trata de uma política de Estado, proposta pelo Presidente Gabriel Boric, cuja finalidade é articular um projeto no qual o Estado chileno se tornaria o principal promotor e controlador da produção de lítio — metal estratégico, por ser fundamental para a fabricação de baterias de carros elétricos e outras tecnologias sustentáveis. A iniciativa, já aprovada, se insere em uma conjuntura em que a América do Sul se torna palco de mais uma dimensão da disputa político-econômica entre Estados Unidos (EUA), China e alguns países europeus ([Boletim 177](#)), no contexto de uma transição energética em escala global. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Argentina, Bolívia e Chile — conhecidos como Triângulo do Lítio — concentram mais de 50% das reservas mundiais desse metal, o que torna a região prioritária nas políticas de investimento de ambas as potências. Nesse sentido, questiona-se o alcance da iniciativa chilena de nacionalização na busca por uma maior autonomia geoeconômica.

A medida busca, por meio de um modelo público-privado, potencializar o valor agregado do chamado “ouro branco”. O país é, juntamente com Austrália e China, um dos principais produtores do metal em escala mundial e terá a *Codelco* — estatal responsável pela

produção de cobre — como uma das protagonistas da política de nacionalização. A decisão encontra, entretanto, um cenário global marcado pela disputa do controle da extração e produção do metal. Ao longo de 2023, distintas autoridades em Defesa dos EUA declararam preocupação com a presença da China na região do Triângulo do Lítio.

A nacionalização do lítio busca possibilitar maior margem de manobra à economia chilena. Entretanto, desafios estruturais e geoeconômicos podem desacelerar o projeto de autonomia, como a dependência do capital estrangeiro em infraestrutura e a ausência de tecnologia avançada, aliada a uma falta de coordenação institucional entre os países da região.

A relação Chile-China implica interesses divergentes, uma vez que importa ao país sul-americano gerar grandes receitas por meio de uma demanda expressiva e, ao asiático, manter custos baixos na fabricação de baterias de lítio. Além disso, Pequim é seu principal comprador de cobre, realidade que impede uma posição mais assertiva por parte do governo chileno. Devido a essas intrínsecas relações, o governo Boric precisará agir cuidadosamente para atingir seus objetivos de nacionalização do lítio sem criar questões com seu importante parceiro comercial e gerar prejuízos econômicos.



## Os riscos para segurança marítima jamaicana impostos pelo tráfico de drogas

Taynah Pires Ferreira

Os fluxos transnacionais do narcotráfico são uma ameaça constante para o continente americano. Observa-se a participação dos Estados da América Central e do Sul nas diferentes etapas da cadeia de produção, transporte e consumo de drogas, sobretudo, cocaína. Nesse sentido, a Jamaica tem se destacado como importante via de trânsito do ilícito, facilitado por sua posição geográfica, tornando-se *hub* central para o transporte de contêineres no Caribe, principalmente, por meio das vias marítimas. Dado o exposto, questiona-se: como a Jamaica se insere na dinâmica do tráfico de cocaína e quais os riscos para a segurança marítima do país?

Com o fim das barreiras restritivas impostas pela pandemia da COVID-19, a Jamaica observou um aumento significativo das apreensões de cocaína em seu território. No início de 2023, foram apreendidos aproximadamente 1.500 Kg da droga, avaliados em US\$ 80 milhões, escondidos em um contêiner, no Porto de Kingston. A apreensão é qualificada como uma das maiores do país. Com acesso estratégico tanto às rotas marítimas da Colômbia — maior Estado produtor de cocaína do mundo — quanto às dos maiores mercados consumidores, Canadá, Estados Unidos e Reino Unido; a Jamaica está se tornando um *hub* importante no Caribe para o trânsito de cocaína.

Entretanto, esse cenário representa uma ameaça à segurança marítima jamaicana. Para o trânsito da droga, são utilizados, principalmente, pequenas embarcações que circulam pela zona portuária, prática conhecida como *container hijacking*. A facilidade de acesso e circulação dos traficantes pelo mar territorial, apesar das operações realizadas pela Guarda Costeira do país, expõem as vulnerabilidades securitárias da ilha em monitorar e garantir a governança de seus domínios marítimos. Ademais, no âmbito doméstico, observam-se os reflexos da atuação do crime organizado. As disputas pelo controle do território jamaicano aumentam a violência, tornando a ilha a segunda nação mais violenta do Caribe, atrás apenas do Haiti.

Em suma, o papel jamaicano na dinâmica internacional do tráfico de cocaína representa um risco à segurança marítima e doméstica do país. A persistência do problema cobra por respostas mais efetivas por parte do governo, especialmente na proteção de suas águas jurisdicionais. Entretanto, por ser um problema transnacional, exige a cooperação de outros Estados e de organizações internacionais, mediante compartilhamento de informações, realização de operações interagências, de caráter bilateral ou multilateral e de exercícios navais, para coibir o tráfico dos ilícitos.



O emprego de drones de vigilância na África Ocidental

Carolina Vasconcelos

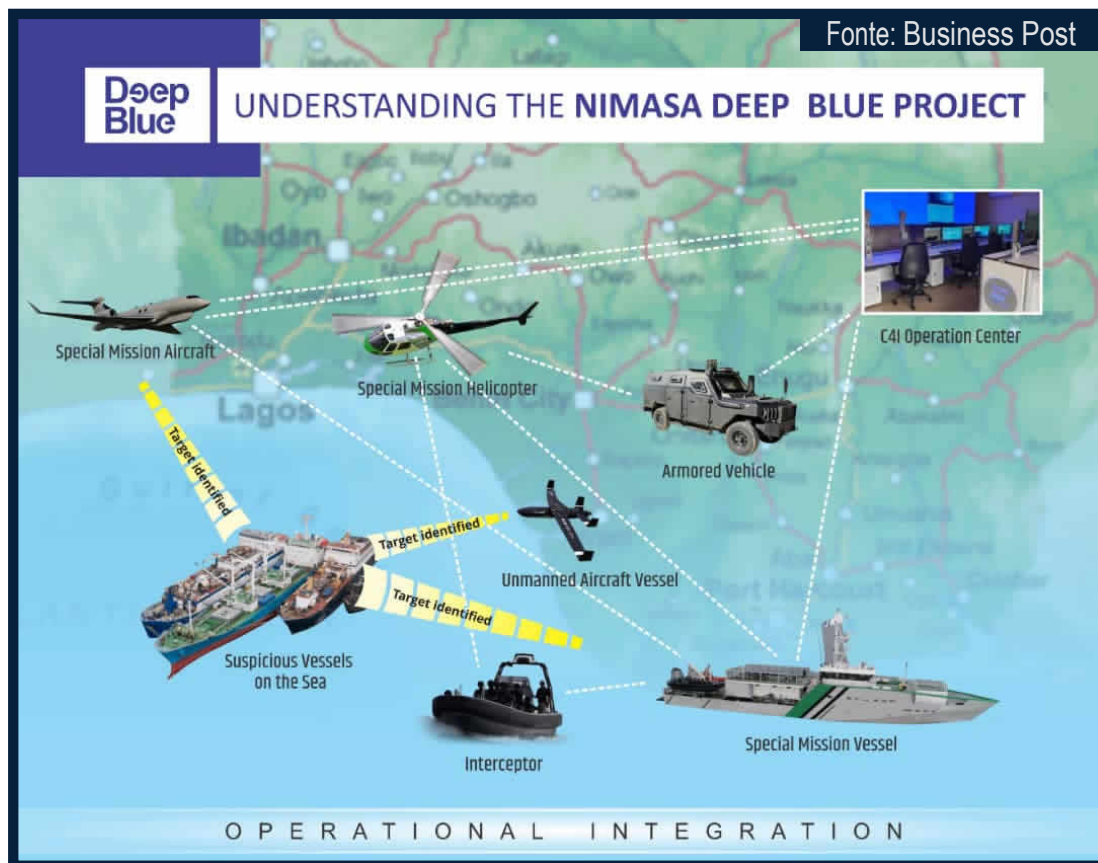
Os veículos aéreos não-tripulados, conhecidos como drones, têm sido opção de diversas nações africanas para o enfrentamento aos ilícitos marítimos. No caso da África Ocidental, essa tecnologia está crescentemente sendo utilizada pelas maiores economias da região para o combate desses crimes. Com resultados positivos, nos últimos anos ([Boletim 176](#)) estão ocorrendo investimentos significativos no emprego desses aparelhos na vigilância. Portanto, como essa estratégia de segurança marítima está colaborando para países da África Ocidental?

Por ser um meio mais ágil, preciso e relativamente barato em relação aos sistemas mais elaborados, os drones ganharam destaque em estratégias de Defesa em países como Gana e Nigéria. No caso de atividades marítimas suspeitas, seria mais econômico enviar um drone do que um helicóptero ou avião, para averiguar. Eventualmente, condições climáticas adversas no mar podem pôr vidas em risco, enquanto drones necessitam somente de equipes de especialistas para controle, distantes da área de operação. Ademais, dependendo das capacidades de autonomia dos modelos, esses equipamentos podem alcançar regiões remotas e de difícil acesso.

No caso de Gana, a Marinha utiliza-se dos aparelhos para monitorar fronteiras marítimas, além de detectar atividades suspeitas e embarcações à distância, podendo alcançar toda Zona Econômica Exclusiva do país. A Marinha ganesa investe em treinamentos dos operadores, visando o aprimoramento dessa tecnologia para combate de atividades ilícitas de caráter interno e transnacional, tais como a pesca irregular e a pirataria.

Já a Nigéria, utiliza drones especialmente no combate à pirataria, obtendo resultados positivos ([Boletim 156](#)). No *Deep Blue Project* ([Boletim 144](#)), há o uso desses equipamentos juntamente com outros meios de patrulha costeiros, visando assegurar o conhecimento marítimo regional. É importante destacar que, aliado ao investimento em tecnologias, a aplicação da Lei de Supressão da pirataria e outras ofensas marítimas melhoram a proteção do mar territorial nigeriano, abrangendo o Golfo da Guiné.

Por fim, é notório que os investimentos em recursos tecnológicos têm auxiliado nações africanas, apoiando o combate aos ilícitos em suas regiões, que são locais de preocupação dos Estados e prioridade na elaboração de suas políticas e estratégias voltadas à Defesa Nacional.





As (in)seguranças da Europa

Marina Autran

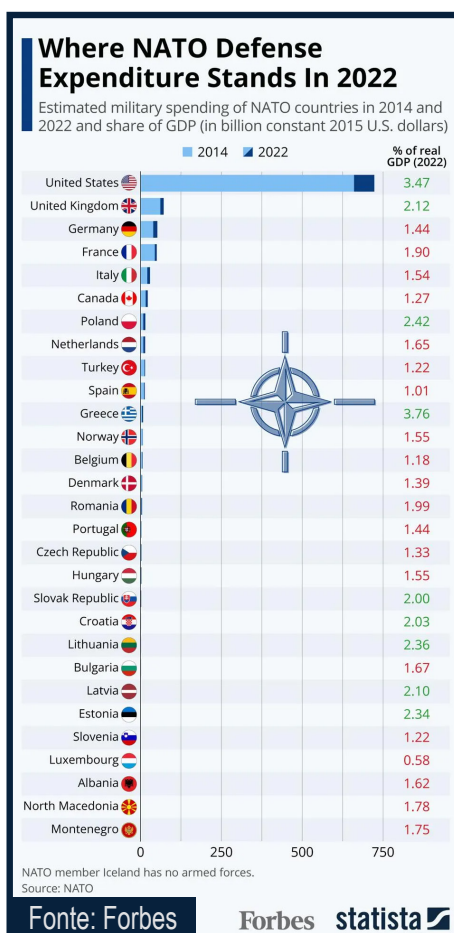
A exigência da OTAN de investimento em Defesa de 2% do PIB para seus Estados-membros foi um grande desafio para os países europeus em 2018. Entretanto, segundo o *Stockholm International Peace Research Institute*, em 2023, tem se observado o maior crescimento nos gastos em Defesa desde o último ano da Guerra Fria, com uma evolução de 14% em toda a região. Sendo assim, pode-se dizer que a Europa está mais “segura” desde o começo do conflito na Ucrânia?

A partir de uma leitura realista das relações internacionais, com o conceito de o Estado ter como principal interesse nacional os assuntos políticos e militares, há uma perspectiva positiva do aumento de gastos pelos países. Porém, existe certo debate em relação à sua efetividade contra a ameaça russa. Com o planejamento de Defesa realizado de forma individual, um projeto de proteção coletiva da Europa ainda não está sendo desenvolvido efetivamente. Por exemplo, ao não se levar em consideração um planejamento regional das necessidades, ocorrem compras redundantes de equipamentos. Mas não apenas isso, esse crescimento de gastos pode ser prejudicado nos próximos anos devido às recentes crises sociais e econômicas.

segurança, o que inclui aspectos não militares e uma definição de segurança como ausência de ameaças, a crise inflacionária é a principal preocupação. As pesquisas de opinião *Eurobarometer* mostram o aumento dos custos de vida como maior risco para 93% dos cidadãos europeus. Além disso, essa crise pode representar uma perda de US\$ 207 bilhões para gastos em Defesa até 2026, no cenário mais conservador, conforme estimado pela consultoria McKinsey. Outro aspecto importante é a persistência da insegurança energética: o inverno de 2022 foi menos rigoroso do que o esperado, com relativa estabilização dos estoques, porém a ameaça de escassez de 30 milhões de m<sup>3</sup> de gás natural para o final de 2023 mantém as preocupações.

Portanto, a depender da perspectiva, a Europa pode estar mais ou menos segura. No aspecto tradicional, os aumentos dos gastos militares são vistos como diretamente positivos para diminuir a insegurança, mas, frente às ameaças russas, melhorias em coordenação são necessárias. Por outro lado, as possibilidades de crise financeira e energética não contribuem para a segurança europeia. Com isso, os países precisarão equilibrar essas questões para aumentar a segurança.

Quando pensado em termos não-tradicionais de



## Os reflexos do novo *Integrated Review* na política de Defesa britânica

Guilherme Carvalho

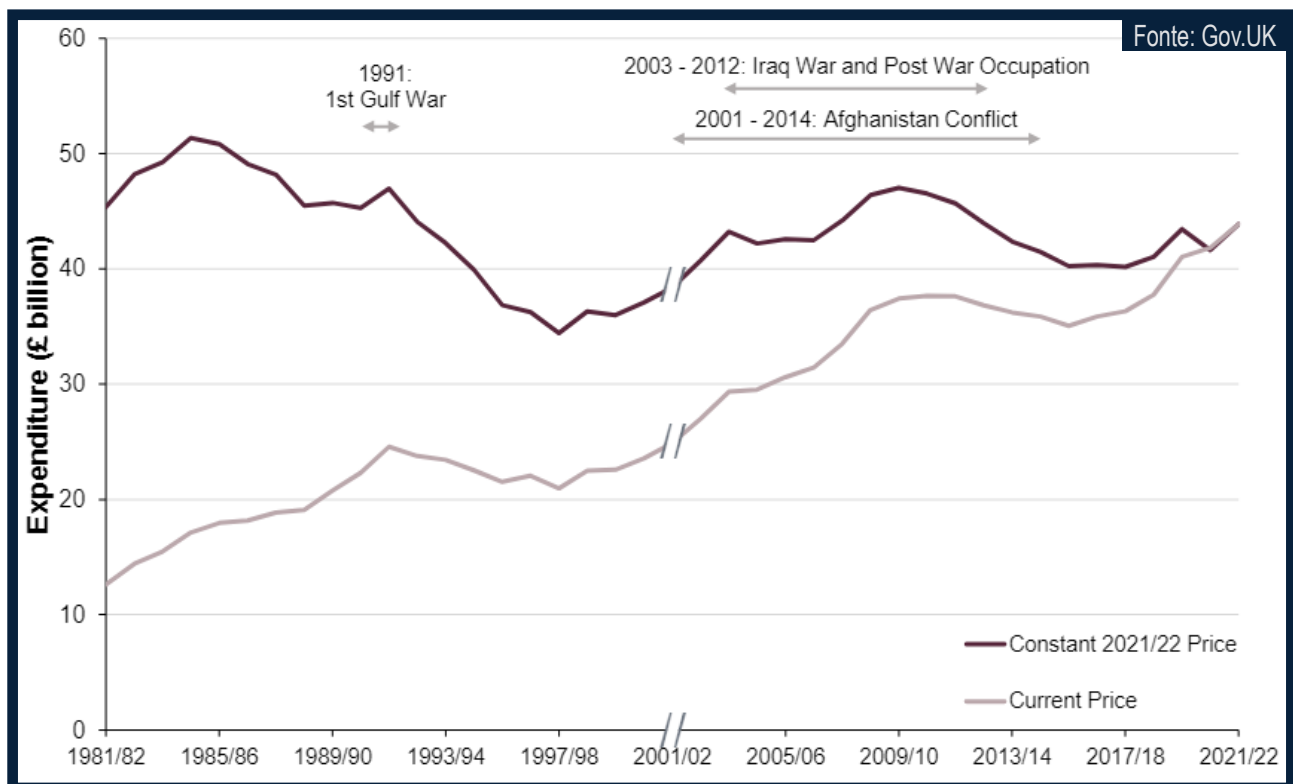
O novo *Integrated Review* — documento do governo britânico que detalha as suas ambições estratégicas, bem como apresenta uma análise do cenário geopolítico atual — foi publicado no início deste ano e tem como subtítulo a seguinte frase: “Respondendo a um mundo mais contestado e volátil”. Nesse sentido, como esta revisão reflete-se na atual política de Defesa britânica?

Ao longo de suas páginas, o Documento apresenta algumas novidades em relação à sua edição de 2021, como uma análise mais crítica das ambições geopolíticas da China e, pela primeira vez, uma declaração formal de apoio à pretensão brasileira por uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Entretanto, as mudanças mais notórias são as que tangem ao aspecto do fortalecimento de políticas de Defesa de Londres, principalmente frente ao conflito na Ucrânia. Nesse ínterim, o apoio e investimento para a continuidade do acordo AUKUS ([Boletim 179](#)) — que proverá submarinos de propulsão nuclear à Austrália — bem como o aumento da meta de investimentos em Defesa de 2% para 2,5% do PIB, nos próximos anos, também são mencionados.

Naturalmente, dentre estes projetos, o tema da Segurança no continente europeu é o que passa por maior análise no documento. Com vistas a padronizar

os sistemas de Defesa da OTAN e com o conflito na Ucrânia, Londres tem buscado fortalecer sua atuação no mercado de Defesa do Leste Europeu, como forma de inibir supostas ambições russas na região, o que poderá gerar diversos acordos no futuro — o que já ocorre. Por exemplo, no final de abril de 2023, o braço britânico da MBDA, uma das maiores companhias de Defesa do mundo, anunciou um acordo de mais de US\$ 2,3 bilhões para o fornecimento de sistemas de Defesa antiaérea à Polônia. Esse acordo não é o único, haja vista que negociações para fornecimento de veículos de combate por parte da *BAE Systems* à República Tcheca e à Eslováquia encontram-se em andamento; ainda, o envio de armamentos à Ucrânia mantém um ritmo crescente desde o início do conflito — e não há no documento menções que possam indicar alguma diminuição desse suporte num futuro próximo.

Desta maneira, é possível notar que as ideias do novo *Integrated Review* encontram claro eco nas recentes movimentações da indústria de Defesa britânica, bem como por parte das ações de *Downing Street*. Com as oportunidades de mercado oriundas da insegurança global, Londres pretende alçar a posição de maior referência europeia na área de Defesa.



DOI 10.21544/2446-7014.n182.p10.

## Petroleiro é apreendido pelo Irã no Golfo de Omã

Melissa Rossi

O petroleiro *Advantage Sweet*, de bandeira das Ilhas Marshall, carregando petróleo do Kuwait a caminho dos Estados Unidos (EUA), foi apreendido no último dia 27 de abril pela Marinha iraniana no Golfo de Omã. A ação ocorreu em águas internacionais e o navio foi escoltado para um porto no Irã. O Golfo de Omã, que liga o Golfo Pérsico ao Oceano Índico, é uma via marítima crucial para o comércio internacional de gás natural e petróleo, uma vez que aproximadamente 1/5 das exportações globais de hidrocarbonetos passam por essas águas. Nesse contexto, qual seria um possível motivo por trás dessa ação iraniana?

Segundo a empresa de segurança marítima *Ambrey*, é muito provável que Teerã tenha agido em retaliação. Em abril deste ano, o navio *Suez Rajan*, suspeito de carregar petróleo iraniano para a China, foi identificado e forçado a se dirigir aos EUA, por conta das sanções internacionais contra exportações do petróleo iraniano. Tensões na região aumentaram desde 2018, quando Washington se retirou do acordo nuclear com Teerã (JCPOA, sigla em inglês), o que levou ao aumento das sanções internacionais às exportações de petróleo do país. Desde então, a interceptação de petroleiros pelo Irã

nas águas do Golfo Pérsico, Estreito de Ormuz e Golfo de Omã têm ocorrido com mais frequência.

Teerã, contudo, relata que a apreensão do *Advantage Sweet* ocorreu devido a uma colisão provocada pelo mesmo navio, em que, supostamente, o socorro não foi prestado aos tripulantes afetados. Entretanto, essa versão é questionável. Isso porque, segundo um comunicado da Quinta Esquadra Americana, com base em Manama, no Bahrein, nos últimos dois anos, o Irã já interceptou cinco petroleiros na região. Tais ações ameaçam diretamente a Ordem Internacional Baseada em Regras (IRBO, sigla em inglês) e a segurança das tripulações detidas. A título de exemplificação, o último caso aconteceu no ano passado, quando dois navios de bandeira grega foram confiscados no Golfo Pérsico por Teerã, após um navio operado pela Rússia, que carregava petróleo iraniano ter sido interceptado pela Grécia, próximo a Atenas.

A tomada iraniana de petroleiros em águas internacionais próximas à Península Arábica desestabiliza a IRBO e coloca em risco a segurança das tripulações que por ali navegam diariamente. O cabo de guerra geopolítico ligado às sanções internacionais contra o regime de Teerã deve continuar a gerar instabilidade na região.



## O retrocesso democrático e a diplomacia migratória da Tunísia

Vitória França

Por anos após a revolução da Tunísia em 2011 — que se transformou na chamada Primavera Árabe —, Europa e Estados Unidos viam Túnis como um “sucesso ao passar da ditadura para a democracia”. Entretanto, nos últimos anos, esse progresso vem retrocedendo. Desde que chegou ao poder em 2019, Kais Saied já governou temporariamente por decreto, retirou os poderes do Parlamento e, recentemente, ordenou a prisão de dezenas de oponentes políticos, jornalistas, além de difamar e expulsar migrantes, aprofundando a instabilidade política no país.

Em paralelo, Túnis passa por forte crise econômica — devido, principalmente, ao endividamento do país pós-Primavera Árabe — com inflação superior a 10%. Em abril de 2023, a Tunísia rejeitou um empréstimo de resgate — negociado por meses — de US\$ 1,9 bilhão do Fundo Monetário Internacional (FMI), levantando preocupações sobre o destino frágil da sociedade e da economia. Nesse contexto, este artigo pretende analisar os efeitos iniciais dessa crise para o cenário internacional.

Para o Sistema Internacional, o resgate do FMI é considerado controverso, principalmente devido à intransigência política de Saied. Já para a Tunísia, as reformas e restrições exigidas, com destaque à eliminação dos subsídios aos bens de consumo — combustível e alimentos — que existem há décadas para fornecer

à população local acesso a bens essenciais a preços acessíveis, tornam o acordo inegociável.

Concomitantemente, essa complicada situação interna causa problemas especialmente à Itália, principal destino dos emigrantes advindos da Tunísia: nos primeiros quatro meses deste ano, o país europeu já registrou fluxo de 17.000 pessoas, aumento de quase seis vezes em relação ao mesmo período de 2022. A expectativa é que os números cheguem a 900.000 ao final de 2023. Assim, Roma vem tentando limitar esse fluxo, colocando-se não só como mediador das negociações no FMI, mas também prometendo mais investimentos no país. Embora não esteja claro nenhum grande plano por trás das decisões de Saied, o espectro de uma onda de migrantes se tornou um ativo estratégico para seu governo, utilizando essa possibilidade como “moeda de troca”. Nesse sentido, a pressão internacional pelo engajamento do país europeu, ao invés de isolar Saied, consolida ainda mais sua aliança com a Itália.

O caso da Tunísia representa, então, um exemplo de diplomacia migratória: a ameaça de aumento da migração pode compensar tanto em legitimidade quanto em dinheiro. E, no fim, a Itália, junto de alguns aliados, ansiosa para sustentar a economia do país norte africano da maneira que puder, acaba patrocinando um governo, no mínimo, controverso.



DOI 10.21544/2446-7014.n182.p12.

## O fortalecimento russo na Esquadra do Pacífico

Rafael Esteves

O lançamento da nova Doutrina Marítima Russa em 2022 possibilitou melhor entendimento da perspectiva estratégica do país frente à sua costa banhada pelo Oceano Pacífico, principalmente a partir dos anos 2020 ([Boletim 168](#)). Com esse documento, é possível entender as recentes movimentações de Moscou para aumentar a presença no Leste e melhorar as capacidades da Esquadra do Pacífico, a exemplo do exercício naval realizado em abril de 2023 envolvendo: 167 navios, 12 submarinos, 89 aviões e 25 mil militares. Assim, é importante questionar: quais as possíveis razões geopolíticas para um maior interesse do Kremlin nessa região?

Apesar da extensão continental, a história do país demonstra um certo “descaso” dos governos com a costa Leste, uma vez que a prioridade era, naturalmente, o acesso aos mares europeus. Ainda assim, durante o período soviético, a Rússia tentou manter presença na região, frente às disputas territoriais com o Japão em relação às ilhas Sakhalin e Kurilas. A situação se tornou crítica após o colapso da União Soviética em 1991, uma vez que a Marinha russa não conseguia substituir os modelos mais antigos de suas embarcações, diminuindo

consideravelmente as capacidades navais do país na região. Isso começou a mudar a partir das décadas de 2010 e 2020.

Os desdobramentos geopolíticos do século XXI, a partir da maior presença econômica e militar estadunidense na região da Ásia-Pacífico e o fortalecimento militar de rivais russos, como o Japão, levaram Moscou a repensar suas perspectivas estratégicas para a região. Nesse sentido, elevou-se o interesse em fortalecer a Esquadra do Pacífico, que já vinha passando por uma reformulação e modernização de suas capacidades, destacando a elaboração da Doutrina Marítima da Federação Russa de 2022. Além disso, ampliou-se a integração da parte ocidental do país com a oriental, com maiores investimentos em infraestrutura de transportes e energia.

É possível compreender, portanto, que o fortalecimento das capacidades navais, sobretudo na costa Leste, e a maior integração entre o território russo têm sido impulsionados pelas transformações no cenário internacional e pelo fortalecimento de adversários geopolíticos da Rússia.

DOI 10.21544/2446-7014.n182.p13.

## LESTE ASIÁTICO

### A nova estrutura entre a Guarda Costeira do Japão e as Forças de Autodefesa Marítima

Thomas Dias Placido

Lidar com situações das *grey zones* tornou-se, nos últimos anos, o principal desafio de segurança para o Japão. Desde 2012, sua preocupação com a segurança marítima no Mar da China Oriental tem alimentado seu robustecimento militar nas imediações, uma vez que a região é marcada pelo litígio territorial das ilhas Senkaku/Diayou — reclamadas pela China mas administradas pelos japoneses. Em meio à revitalização de capacidades defensivas, Tóquio apresentou, no dia 28 de abril de 2023, diretrizes estratégicas relacionadas à cooperação entre as duas forças marítimas responsáveis pela segurança territorial nipônica, visando garantir a competitividade de seus ativos dissuasórios no complexo securitário do Leste Asiático.

A estrutura operacional conjunta entre a Guarda Costeira Japonesa (JCG, na sigla em inglês) e as Forças de Autodefesa Marítima (MSDF, em inglês) será aplicada apenas em situações de emergência, pautada no protocolo oficial encaminhado ao Conselho de Segurança Nacional e sujeito à aprovação pelo Gabinete do Premiê japonês. Ambas compartilham informações de inteligência,

mas possuem sistemas de comando diferentes, logo, o mecanismo de controle manterá a independência da JCG como agência não-militar que desempenha um papel mediador entre países vizinhos, diferentemente das Forças de Autodefesa.

Destaca-se que os navios da Guarda Costeira Chinesa que circundam as ilhas Senkaku são apoiados pela Marinha do país desde 2018 e, na eventualidade de um ataque armado, os protocolos de controle permitirão que o Ministro da Defesa comande os navios da Guarda Costeira. Dessa maneira, o Japão passará a ter a mesma abordagem, como prevê o Artigo 80 da Lei das Forças de Autodefesa: as MSDF se concentrarão em medidas defensivas, enquanto a JCG apoiará logisticamente. Apesar da capacidade da JCG de tomar parte em ações militares ser fortemente limitada pelo Artigo 25 de sua legislação, que circunscreve seu serviço como ator puramente civil, ainda existe uma pressão revisionista no Executivo para expandir as funções e capacidades da organização. Entretanto, entende-se que essa *quasi*-militarização modificaria suas diretrizes operacionais,

podendo causar uma ruptura do quadro legal japonês ao pôr em risco a jurisdição da JCG como organização de aplicação da lei marítima.

Portanto, apesar de uma movimentação estratégica do ponto de vista logístico — uma vez que Tóquio necessita racionar seus ativos defensivos, promovendo

a interoperabilidade e retirando significativamente a pressão das MSDF —, uma maior securitização em seu entorno estratégico exigirá considerável cautela jurídica, além de orçamento para substituir as estruturas atuais e incrementar os treinamentos.

DOI 10.21544/2446-7014.n182.p13-14.

## SUL DA ÁSIA

### A Organização para Cooperação de Xangai e a Crise Fronteiriça Sino-Indiana

*Eduardo Mangueira*

Em 2023, a Índia assume a presidência da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX). O grupo é composto por Cazaquistão, China, Índia, Paquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão, e focam em questões de segurança e desenvolvimento regional. Tendo em vista a crise fronteiriça com a China e os encontros dos Ministros de Defesa e do Exterior dos países-membros no começo de maio, questiona-se sobre as possíveis oportunidades que o cargo trará a Nova Déli no que tange à crise diplomática com Pequim.

O embate em torno da Linha de Controle Real teve início em 1962, por uma discordância entre os dois países quanto ao estabelecimento de fronteiras na região montanhosa do Himalaia ([Boletim 164](#)). Desde o confronto entre forças chinesas e indianas em 2020, pode-se notar uma mobilização crescente de militarização na região e o aumento de tensões nas relações entre os dois países. Contudo, ambos continuam a interagir e cooperar.

A OCX formada em 2001 por China e Rússia, foi criada como forma de restringir a influência ocidental — especialmente da OTAN — na região. Admitida em 2017, o foco da presidência indiana está em questões de antiterrorismo e de integração econômica e cultural, voltando-se principalmente para a Ásia Central. As reuniões de Ministros são uma preparação para o

encontro de líderes, programado para acontecer em Nova Déli, em julho deste ano. Ao final da reunião bilateral entre Índia e China, as duas partes deram declarações díspares: enquanto a Índia denuncia a quebra de acordos pré-estabelecidos sobre a região como causa da erosão nas relações entre os dois, a resposta chinesa foi considerar a região como estável e prometer maior integração e cooperação no âmbito da OCX.

Inicialmente, o equilíbrio de poder no grupo eram estabelecidos entre Pequim e Moscou, que tinham relações mais sólidas com os demais países-membros. Todavia, o caráter de crescente dependência russa para com a China devido às sanções internacionais em resposta à intervenção na Ucrânia acaba por modificar essa dinâmica. Como tal, a indisputada preeminência chinesa no grupo leva a um menor espaço de manobra para a Índia, que dificilmente obterá o apoio dos demais membros em um debate multilateral.

Como tal, parece improvável que Nova Déli apresente a questão fronteiriça com Pequim como um tópico de discussão geral, mantendo-se o caráter bilateral dessas conversas. Não obstante, a OCX segue como um fórum importante para um estreitamento de laços com os países da Ásia Central e a crescente emergência da Índia como potência regional.



DOI 10.21544/2446-7014.n182.p14.

**Defence Strategic Review 2023: novos caminhos para a Defesa australiana**

Thayná Fernandes

Pouco depois do anúncio dos detalhes da parceria trilateral AUKUS (Boletim 179), cujo objetivo é o fornecimento à Austrália de submarinos movidos à propulsão nuclear, Camberra publicou, em abril, sua nova Revisão Estratégica de Defesa (*Defence Strategic Review*, DSR) com o propósito de estabelecer direcionamentos para garantir os interesses nacionais. Considerando a crescente tensão no Indo-Pacífico por disputas de influência, este texto objetiva analisar os principais aspectos do novo documento.

Encomendada para um comitê independente desde o início do acordo AUKUS, a publicação foi considerada pelo Ministro da Defesa australiano como a revisão “mais ambiciosa da postura e estrutura da Defesa desde a Segunda Guerra Mundial”. Para sua confecção, cerca de 150 pessoas participaram diretamente, entre especialistas, acadêmicos e membros das Forças Armadas; ainda, mais de 360 sugestões foram enviadas pelo público geral, governos estaduais e organizações interessadas. Em clara menção aos avanços da China no Indo-Pacífico, o novo DSR considera que houve muitas e rápidas mudanças no entorno estratégico australiano, fato que demanda uma postura mais assertiva do país. No entanto, de acordo com a análise dos especialistas, a atual estrutura de Defesa nacional é insuficiente para corresponder ao objetivo de garantir seus interesses na região.

Para transformar essa realidade e robustecer o

setor, o Documento estabelece seis áreas prioritárias: os submarinos de propulsão nuclear, o desenvolvimento de capacidade em ataques de longo alcance, investimento na Base Industrial de Defesa, aprimoramento das operações das Forças Armadas no norte do país, absorção de novas tecnologias e aprofundamento das relações diplomáticas com outras nações no Indo-Pacífico.

Ainda, um dos principais aspectos destacados pelo DSR, que o diferencia das versões anteriores, é a integração nas operações das três Forças: para que estejam prontas para responder de maneira eficaz aos desafios que se apresentarem, é necessário que sejam complementares ao invés de apenas operarem de maneira conjunta. Nesse sentido, considerando também que o território australiano possui dimensões continentais e é insular, a prioridade é o ambiente marítimo; dessa forma, a proposta do DSR é a adaptação, postergação, redução ou cancelamento de projetos das três Forças, redirecionando-os para desenvolver capacidades que tenham como foco operações a partir do mar.

Em suma, embora o setor de Defesa da Austrália, nos últimos anos, tenha 28 grandes projetos em execução que somam 97 anos de atraso cumulativo com bilhões em custos excedentes, o país está decidido a se transformar em uma potência autônoma da região do sul do Pacífico e pronta para garantir seus interesses e de aliados de maneira mais capacitada e assertiva.



A projeção norueguesa no Ártico

Jayanne Soares

No dia 11 de maio, a Noruega assumirá a presidência do Conselho Ártico entre os anos de 2023 a 2025. Por parte dos outros países — membros e observadores — há expectativas positivas para essa nova liderança. O conflito russo-ucraniano influenciou a diplomacia no Ártico, ocasionando pausas temporárias dos grupos de pesquisa e boicotes em projetos russos para a região ([Boletim 177](#)); por isso, espera-se que a gestão norueguesa, como um membro intermediário, consiga balancear os interesses dos demais países. Nesse contexto, o presente artigo busca explicar a importância do Ártico para a Noruega e as expectativas para essa nova gestão.

O Alto Norte, como é conhecida a porção norte do Círculo Polar Ártico, carrega importância histórica e identitária para os noruegueses e, ao longo dos anos, contribuiu para que as áreas polares fossem reivindicadas por Oslo — como o arquipélago de Svalbard em 1920 e a ilha Jan Mayen em 1929 — colaborando para a definição de seus interesses nacionais. Atualmente, a Noruega é um dos maiores financiadores de grupos de pesquisa e iniciativas do Conselho do Ártico; por isso, visto seu protagonismo, o país abriga a principal sede da organização, o Secretariado, fato que representa

simbolicamente o empenho norueguês para se tornar uma referência nos assuntos que tangem a região. É essa narrativa que o Estado quer manter, e isso se reflete em suas políticas, que objetivam estabelecer-se como um líder a partir dos arranjos do Direito Internacional e de suas boas relações com os demais países.

Apesar dos novos desafios de segurança na Europa, o histórico de Oslo é de manter um diálogo com a OTAN — como membro — e com a União Europeia, enquanto mantém também interesses compartilhados com a Rússia na região do Barents. Entretanto, a relação com Moscou tende a “esfriar” caso o país opte por priorizar os interesses da OTAN na região. Há algumas semanas, o Reino Unido anunciou a abertura de uma base militar no Alto Norte afirmando que seria necessário fortalecer a projeção da aliança militar no Ártico. Dessa forma, caso a OTAN continue com sua política de expansão para o Ártico, a região provavelmente irá regressar ao cenário da Guerra Fria: sendo palco de disputas e conflitos.

Como novo Presidente, espera-se que a Noruega equilibre esses interesses e mantenha sua política estratégica como nos últimos anos, negociando com os membros do Conselho, enquanto impulsiona outras iniciativas com os demais países observadores.





Reflexos geopolíticos da Guerra Cibernética no conflito russo-ucraniano

José Gabriel Pires

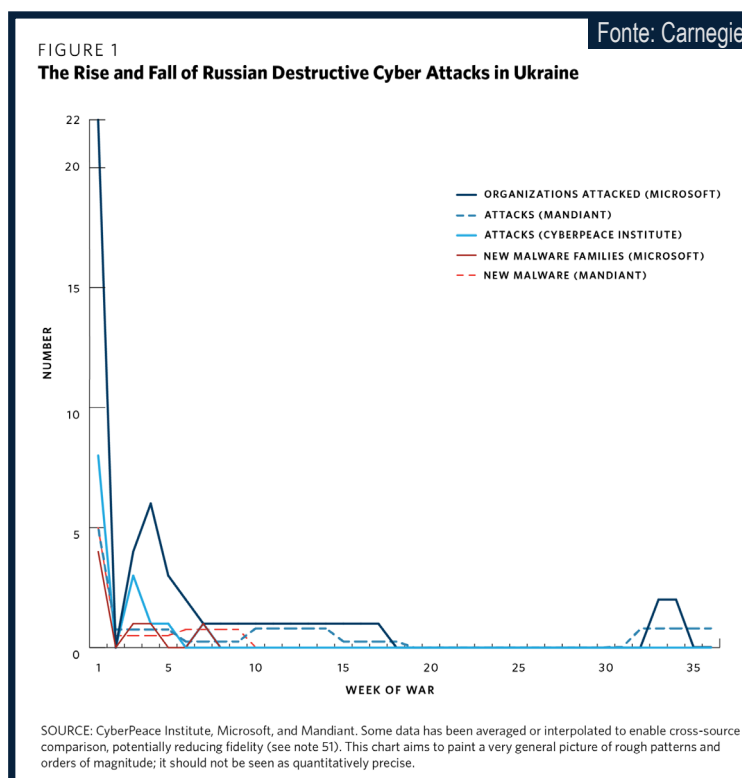
Apesar de a invasão russa ter iniciado em fevereiro de 2022, o quinto domínio já vinha sendo palco de operações cibernéticas desde 2014. Todavia, com a escalada das tensões entre Rússia e Ucrânia, ganhou destaque devido à grande diversidade de estratégias disponíveis, que vão desde ataques cibernéticos tradicionais às infraestruturas críticas e sites de entidades governamentais, com ataques distribuídos de negação de serviço (DDoS), *wipers* e *ransomwares*; à Guerra de Informação, com operações psicológicas, de desinformação, com a disseminação de propaganda via mídias tradicionais e em redes sociais, como *Telegram*. Embora essa segunda vertente seja extremamente relevante para compreender o conflito, o propósito deste artigo é analisar os reflexos geopolíticos da Guerra Cibernética no conflito russo-ucraniano.

A despeito do relativo sucesso inicial, a estratégia russa de deixar a Ucrânia *offline* através do ciberespaço foi frustrada pela participação de grandes empresas privadas, como *Cisco*, *Mandiant* e *Microsoft*, que se disponibilizaram para auxiliar na manutenção das comunicações e na proteção de *endpoints* (EDR e XDR). Desse modo, restaram aos hacktivistas e aos ataques ligados ao Serviço Federal de Segurança e ao Departamento Central de Inteligência russos as operações de sabotagem, espionagem e influência. No último dia 20 de abril, o chefe do Departamento de

Segurança da Informação e Cibersegurança ucraniano, Illia Vitiuk, falou sobre o aspecto cibernético, enfatizando o sucesso de Kiev na contenção dos ciberataques russos, bem como o papel das empresas ocidentais na defesa cibernética do país.

No entanto, a fala de Vitiuk expôs uma potencial fragilidade vinculada à manutenção da resiliência desses sistemas, que repousa principalmente na garantia dos altos investimentos necessários para sua continuidade, algo que a Ucrânia não é capaz de fazer sem auxílio do Ocidente. Nesse sentido, se o cenário geopolítico mudar e, por algum motivo, esse apoio cessar, Kiev volta a ficar vulnerável aos ataques cibernéticos de Moscou. Além disso, Vitiuk destacou a manutenção da segurança das infraestruturas críticas ligadas aos Ministérios da Energia, Defesa e do complexo industrial militar como principais desafios para 2023.

O conflito russo-ucraniano tem sido primordial para demonstrar a relevância geopolítica do ciberespaço enquanto teatro de operações. Uma vez que esse domínio é transversal aos demais, é crucial que os Estados se preparem com estratégias adequadas, assim como estejam bem aparelhados tanto em relação aos *hardwares* e *softwares* utilizados, quanto ao pessoal capacitado para conduzir operações nesse domínio, que tende a conservar uma posição de destaque em conflitos futuros.



- ▶ [Dilemmas of Deterrence](#)  
PROJECT SYNDICATE, Joseph. NYE, JR.
- ▶ [China's New Strategy for Waging the Microchip Tech War](#)  
CSIS, Gregory C. Allen
- ▶ [What Should India Do Before the Next Taiwan Strait Crisis?](#)  
CARNEGIE INDIA, Vijay Gokhale
- ▶ [Fleet Forces chief wants to make a smaller Navy more lethal](#)  
DEFENSE NEWS, Megan Eckstein
- ▶ ['National defence' and the Navy](#)  
THE STRATEGIST, Jennifer Parker

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

**MAIO**

Principais eventos de 10 a 24 de Maio

**14**



**TAILÂNDIA**  
ELEIÇÕES GERAIS

**14**



**TURQUIA**  
ELEIÇÕES GERAIS

**16-17**



**ISLÂNDIA**  
REUNIÃO DE CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO DO CONSELHO DA EUROPA

**19-21**



**JAPÃO**  
G7 SUMMIT

**21**



**GRÉCIA**  
ELEIÇÕES GERAIS

**22-26**



**EGITO**  
REUNIÃO ANUAL DO CONSELHO DE GOVERNADORES DO BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO

**22-16**



**MARROCOS**  
EXECÍCIO MILITAR  
AFRICAN LION 2023

**24**



**AUSTRÁLIA**  
REUNIÃO DOS LÍDERES DO QUAD

## REFERÊNCIAS

- **Um manto de terra no rio: a baixa histórica do rio Paraná**  
BUDASOFF, Ariana. [Bajante histórica del río Paraná: causas y consecuencias del fenómeno que afecta a varios países de la región](#). *Página 12*, 13 abr. 2023. Acesso em: 30 abr. 2023.  
[NÍVEL do Rio Paraná está quase 10 metros abaixo do normal na região de Foz do Iguaçu](#). *G1*, 03 jan. 2022. Acesso em: 30 abr. 2023.
  - **A geoeconomia e a política chilena para o lítio**  
[LOS desafíos nacionales y regionales para el litio chileno](#). *BN Americas*, 19 abr. 2023. Acesso em: 22 abr. 2023.  
[CONFERENCIA virtual analizó las inversiones de China en el litio de Chile, Argentina y Bolivia](#). *Biblioteca del Congreso Nacional de Chile*, 28 mar. 2023. Acesso em: 20 abr. 2023.
  - **Os riscos para segurança marítima jamaicana impostos pelo tráfico de drogas**  
VOSS, Gavin. [Jamaica Seizing Ever-Larger Cocaine Shipments from Colombia](#). *Insight Crime*, 23 jan. 2023. Acesso em: 20 abr. 2023.  
[WAR on drugs: detailed look into maritime drug trafficking](#). *Maritime Fairtrade*, 14 nov. 2022. Acesso em: 20 abr. 2023.
  - **O emprego de drones de vigilância na África Ocidental**  
LIONEL, Ekene. [Ghana Navy gains drone surveillance capability](#). *Military Africa*, 19 jan. 2023. Acesso em: 06 abr. 2023.  
NIGERIAN MARITIME ADMINISTRATION AND SAFETY AGENCY. [Deep Blue Project: NIMASA Takes Delivery of 2 UAS, 9 Boats, 10 Armored Vehicles](#). *Nigerian Maritime Administration and Safety Agency*, 17 jun. 2022. Acesso em: 06 abr. 2023.
  - **As (in)seguranças da Europa**  
ROSE, Caroline. [The Downside of Europe's Military Spending](#). *Geopolitical Futures*, 01 mai. 2023. Acesso em: 06 mai. 2023.  
CAVENDISH, Georgiana; CHINN, David; GRIEBMAN, Nadine et al. [Invasion of Ukraine: Implications for European defense spending](#). *McKinsey & Company*, 19 dez. 2022. Acesso em: 06 mai. 2023.
  - **Os reflexos do novo *Integrated Review* na política de Defesa britânica**  
[UK arm of European missile maker MBDA signs \\$2.37 bln deal with Poland](#). *Alarabiya News*, 28 abr. 2023. Acesso em: 06 mai. 2023.  
HM GOVERNMENT. [Integrated Review Refresh 2023](#). *HM Government*, mar. 2023. Acesso em: 06 mai. 2023.
  - **Petroleiro é apreendido pelo Irã no Golfo de Omã**  
[Iran Navy Seizes Marshall Islands Oil Tanker in Gulf of Oman](#). *Voa News*, 27 abr. 2023. Acesso em: 29 abr. 2023.  
[US confiscates oil cargo on tanker amid Tehran tensions](#). *Associated Press*, 28 abr. 2023. Acesso em: 30 abr. 2023.
  - **O retrocesso democrático e a diplomacia migratória da Tunísia**  
AMARA, Tarek. [Tunisia facing unprecedented migration crisis as bodies wash ashore](#). *Reuters*, 04 mai. 2023. Acesso em: 04 mai. 2023.  
PAVIA, Alissa. [Tunisia Was Right to Reject the IMF Deal](#). *Foreign Policy*, 19 abr. 2023. Acesso em: 04 mai. 2023.
  - **O fortalecimento russo na Esquadra do Pacífico**  
[Russia reveals details of snap Pacific Fleet drills](#). *RT*, 17 abr. 2023. Acesso em: 06 mai. 2023.  
[Russia Federation Maritime Doctrine of the Russian Federation](#). *Rhode Island, Russia Maritime Studies Institute*, 2022. Acesso em: 06 mai. 2023.
  - **A nova estrutura entre a Guarda Costeira do Japão e as Forças de Autodefesa Marítima**  
SHIMBUN, The Yomiuri. [Defense Minister to Direct Coast Guard Chief in Emergency](#). *The Japan News*, 11 abr. 2023. Acesso em 01. mai. 2023.  
WATANABE, Takashi; ONO, Taro. [JCG official: Coast Guard plays different role than MSDF](#). *The Asahi Shimbun*, 30 de mar. 2023. Acesso em 04 mai. 2023.
  - **A Organização para Cooperação de Xangai e a Crise Fronteira Sino-Indiana**  
[India-China border situation 'generally stable': China's Defence Minister tells Rajnath Singh](#). *The Hindu*, 28 abr. 2023. Acesso em: 30 abr. 2023.  
MARJANI, Niranjan. [What Does India Gain From the Shanghai Cooperation Organization?](#) *The Diplomat*, 01 mai. 2023. Acesso em: 03 mai. 2023.
  - ***Defence Strategic Review 2023*: novos caminhos à Defesa australiana**  
[Australian defence projects billions over budget, decades late](#). *Reuters*, 09 out. 2022. Acesso em: 03 mai. 2023.  
AUSTRALIAN GOVERNMENT DEFENCE. [Defence Strategic Review 2023](#). *Australian Government Defence*, Acesso em: 03 mai. 2023.
  - **Projeção norueguesa no Ártico em contexto das tensões da conflito russo-ucraniano**  
BYE, Hilde-Gunn. [Here Are Norway's Priorities For the Upcoming Arctic Council Chairship](#). *High North News*, 28 mar. 2023. Acesso: 28 abr. 2023.  
[UK Opens Military Base in Northern Norway](#). *The Defense Post*, 8 mar. 2023. Acesso em 28 abr. 2023.
  - **Reflexos geopolíticos da Guerra Cibernética no conflito russo-ucraniana**  
EUROPEAN CYBER CONFLICT RESEARCH INITIATIVE. [THE Cyber Dimensions of The Russia-Ukraine War](#). *European Cyber Conflict Research Initiative*, 20 abr. 2023. Acesso em: 20 abr. 2023.  
FREEDBERG JR, Sydney J. [Cyber lessons from Ukraine: Prepare for prolonged conflict, not a knockout blow](#). *Breaking Defense*, 01 mai. 2023. Acesso em: 01 mai. 2023.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

## MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

### ► ALTO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [US sees peace within reach for Armenia and Azerbaijan](#). **DW**, 05 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- BURKINA FASO - Conflitos internos: [Burkina Faso: inquiétudes sur la situation humanitaire à Djibo](#). **RFI**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- HAITI - Conflitos internos: [US seeks Brazil help as frustration grows on Haiti force](#). **France 24**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- IÊMEN - Conflitos internos: [Three Houthis killed by government troops in Taiz](#). **Arab News**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon's crisis deepens: Economic collapse and power vacuum](#). **Anadolu Agency**, 05 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- MALI - Conflitos internos: [Mali: Poll highlights confidence in Assimi Goïta and Russia](#). **The Africa Report**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- MIANMAR - Conflitos internos: [Myanmar Junta Troops Burn 530 Village Houses in a Single Day](#). **The Irrawaddy**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Ukraine war: 'Mad panic' as Russia evacuates town near Zaporizhzhia plant](#). **BBC**, 07 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SÍRIA - Crise regional: [Arab League readmits Syria 12 years after its suspension over civil war](#). **The Times of Israel**, 07 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia: Protest and clashes ongoing in Borama, Somaliland, prompting security intervention](#). **Crisis 24**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SUDÃO - Conflito interno: [Fighting continues in Khartoum as Sudan envoys, mediators meet in Saudi Arabia](#). **France 24**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

### ► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Belarus Introduces Border Controls for Travelers From Russia](#). **The Moscow Times**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- COREIA DO NORTE - Crise regional: [Japan PM Visits Seoul to Forge Closer Ties Amid North Korea Threats](#). **VOA News**, 06 mai. 2023. Acesso em: 06 mai. 2023.

• ETIÓPIA - Crises internas: [UNICEF Ethiopia Humanitarian Situation Report No. 3: 30 March 2023](#). **Relief Web**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• ISRAEL - Crise regional: [Israeli forces kill 2 Palestinians in the occupied West Bank](#). **Al Jazeera**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• PAQUISTÃO - Crise sociopolítica: [Imran Khan: Ex-PM arrested outside court in Pakistan](#). **BBC News**, 09 mai. 2023. Acesso em: 09 de mai. 2023

• PERU - Crise sociopolítica: [Peruvian Congress shelves case against Boluarte](#). **Mercopress**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Five key resolutions from UN summit on DR Congo](#). **The New Times**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Fin del Título 42 anima a más migrantes a cruzar el Tapón del Darién](#). **VOA News**, 05 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Ley de extinción de dominio no acabaría con la corrupción en Venezuela](#). **Insight Crime**, 04 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

#### ► EM MONITORAMENTO:

• AFEGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Corporal Punishment on the Rise in Afghanistan](#). **Human Rights Watch**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• ÁFRICA DO SUL - Crise energética: [Soldiers again called on to protect power infrastructure](#). **Defence Web**, 07 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• CHILE E PERU - Crise migratória: [Migrants stranded on Chile-Peru border repatriated to Venezuela](#). **Reuters**, 07 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• COLÔMBIA - Instabilidade sociopolítica: [Colombian leader says Spain to study removing ELN from EU's terrorism list](#). **Reuters**, 04 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador supera 68.000 arrestos bajo régimen de excepción](#). **DW**, 05 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Ecuador's Political Crisis: Three Scenarios](#). **Americas Quarterly**, 04 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur: Milhares de deslocados devido a confrontos étnicos no nordeste do estado](#). **BBC News Brasil**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• IRÃ - Crise estrutural e regional: [Iran hid weapons among earthquake aid to target US troops in Syria: Intel leak report](#). **Alarabiya News**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libyan Kufra condemns media allegations of its involvement in Sudan's conflict](#). **The Libya Update**, 06 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [US, Philippines Issue New South China Sea Defense Guidelines](#). **VOA News**, 04 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Is Mozambique ready to restart its LNG projects?](#). **DW**, 05 mai. 2023. Acesso em: 05 mai. 2023.

• NICARÁGUA - Crise política: [Forty opposition figures arrested in Nicaragua as Ortega orders massive police raid](#). **El País**, 05 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

• NIGÉRIA - Crises internas: [Six Danish oil tanker crew kidnapped off West Africa 'safely recovered'](#). **Alarabiya News**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.

- REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade social: [Impact of Sudan crisis in the Central African Republic \(Flash Update 8 May 2023\)](#). **Relief Web**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SRI LANKA - Crises internas: [Sri Lanka's SJB no longer enamoured of IMF, promises new govt in three moons](#). **Economynext**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.
- TAIWAN - Tensões China-EUA: [China says it is imperative to stabilize Sino-U.S. relations](#). **Nikkei Asia**, 08 mai. 2023. Acesso em: 08 mai. 2023.